

AS RESSONÂNCIAS DIALÓGICAS EM ALGUMAS LETRAS DE CANÇÕES DE EDSON GOMES: UMA LEITURA À LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

DIALOGICAL RESONANCES IN SOME OF EDSON GOMES'S SONG LYRICS: A DIALOGICAL DISCOURSE ANALYSIS

RESONANCIAS DIALÓGICAS EN ALGUNAS LETRAS DE CANCIONES DE EDSON GOMES: UNA LECTURA A LA LUZ DEL ANÁLISIS DIALÓGICO DEL DISCURSO

Raniere Marques de Melo¹
Flávio Laert de Medeiros²
Daniela Cristina Pereira Ramos³
Sávio Tales Pereira Linhares⁴

RESUMO

O presente estudo propõe-se analisar, sob uma perspectiva discursiva, a representação do sujeito subalterno em três canções do artista e compositor Edson Gomes. Partindo da Análise do Discurso, conforme os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, foram mobilizadas as seguintes categorias analíticas: temática, estilo e composição. O corpus selecionado foi as letras de canções: Capturados, Inquilino das prisões e Camelô, divulgadas, respectivamente, nos álbuns Recôncavo (1990), Acorde Levante e lute (2003) e Apocalipse (1997). Os procedimentos metodológicos para análise desse corpus seguem uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa-discursiva. A incursão teórica é estabelecida por autores como Bakhtin e seu Círculo, além de Fiorin (2011), quanto à categoria de gêneros discursivos e concepções bakhtinianas; somado a isso, há os conceitos de subalternidade desenvolvido por Ribeiro (2015). Portanto, constata-se que, por meio das canções de Edson Gomes, ressignifica-se um lugar que, por maioria das vezes, é visto como subalterno, ocupado pelo homem negro, com trabalho informal e marginalizado em uma sociedade marcada pelo racismo, mostrando a identidade afrobrasileira: a cultura, a história de luta e a resistência.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; letra de canção; sujeito subalterno; Reggae brasileiro.

ABSTRACT

The present study aims to analyze, from a discursive perspective, the representation of the subaltern subject in three songs by the artist and composer Edson Gomes. Grounded in

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Unidade Acadêmica de Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Unidade Associada da Universidade Federal de Campina Grande, <https://orcid.org/0000-0003-4283-0558>, raniere.marques@professor.ufcg.edu.br.

² Mestrando pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETROS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), <https://orcid.org/0009-0000-9170-6276>, flaviolaertdemedeiros@gmail.com.

³ Mestranda pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETROS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), <https://orcid.org/0000-0002-5784-1105>, danielacristinapereiraramos@gmail.com.

⁴ Mestrando pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETROS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), <https://orcid.org/0009-0008-7958-4438>, saviotales@gmail.com.

Discourse Analysis, according to the theoretical assumptions of Mikhail Bakhtin and his Circle, the following analytical categories were mobilized: theme, style, and composition. The selected corpus consists of the lyrics of the songs Capturados, Inquilino das Prisões, and Camelô, released respectively on the albums Recôncavo (1990), Acorde, Levante e Lute (2003), and Apocalipse (1997). The methodological procedures adopted for the analysis of this corpus follow a qualitative approach of an interpretative-discursive nature. The theoretical framework is based on authors such as Bakhtin and his Circle, as well as Fiorin (2011), with regard to the category of discursive genres and Bakhtinian conceptions; in addition, it draws on the concept of subalternity developed by Ribeiro (2015). Therefore, it is observed that, through Edson Gomes's songs, a position that is most often perceived as subaltern is resignified—one occupied by Black men engaged in informal labor and marginalized within a society marked by racism—thus revealing Afro-Brazilian identity through culture, a history of struggle, and resistance.

Keywords: Dialogic Discourse Analysis; song lyrics; subaltern subject; Brazilian reggae.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar, desde una perspectiva discursiva, la representación del sujeto subalterno en tres canciones del artista y compositor Edson Gomes. A partir del Análisis del Discurso, de acuerdo con los presupuestos teóricos de Mikhail Bakhtin y de su Círculo, se movilizaron las siguientes categorías analíticas: temática, estilo y composición. El corpus seleccionado está constituido por las letras de las canciones Capturados, Inquilino de las Prisiones y Camelô, difundidas, respectivamente, en los álbumes Recôncavo (1990), Acorde, Levante y Lucha (2003) y Apocalipse (1997). Los procedimientos metodológicos adoptados para el análisis de este corpus siguen un enfoque cualitativo de naturaleza interpretativo-discursiva. La fundamentación teórica se apoya en autores como Bakhtin y su Círculo, además de Fiorin (2011), en lo referente a la categoría de géneros discursivos y a las concepciones bakhtinianas; a ello se suman los conceptos de subalternidad desarrollados por Ribeiro (2015). Por lo tanto, se constata que, a través de las canciones de Edson Gomes, se resignifica un lugar que, en la mayoría de los casos, es visto como subalterno, ocupado por el hombre negro, trabajador informal y marginado en una sociedad marcada por el racismo, evidenciando la identidad afrobrasileña: la cultura, la historia de lucha y la resistencia.

Palabras clave: Análisis Dialógico del Discurso; letra de canción; sujeto subalterno; reggae brasileño.

INTRODUÇÃO

A Análise Dialógica do Discurso (ADD) é uma abordagem do conhecimento relevante no campo das Ciências Humanas. Mais especificamente é uma abordagem centrada nos desdobramentos teóricos de Bakhtin e do Círculo, volta-se à compreensão da linguagem como prática social, constituída pela interação, pela historicidade e pela alteridade que atravessam os enunciados. A Análise Dialógica do Discurso (ADD) ressignifica a compreensão da linguagem sob caminhos diversos, possibilitando o conhecimento do enunciado considerando as subjetividades, sobretudo na análise de gêneros discursivos, principalmente o gênero letra de canção que circula nas diversas esferas sociais.

Portanto, ao refletirmos sobre a ADD em articulação com o campo educacional, percebemos que sua ênfase na dimensão enunciativo-discursiva da linguagem dialoga diretamente com as diretrizes contemporâneas para o ensino de Língua Portuguesa. A valorização das práticas sociais de linguagem, bem como a compreensão dos gêneros discursivos em sua historicidade e circulação, encontram ressonância nos documentos oficiais que orientam a educação básica no Brasil, sobretudo na BNCC, que assume esse mesmo horizonte teórico-metodológico.

Atualmente, no que se refere ao eixo Leitura, até a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (Brasil, 2018), traz a relevância da perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem ao tomar a compreensão de leitura bakthiniana como expansiva, no que tange os vários aspectos da leitura que circulam na esfera social. Conforme assinala o documento, observamos que o trabalho com a leitura, considerando as transformações das práticas de linguagem e as recentes pesquisas nessa área, deve se pautar na perspectiva discursiva e enunciativa, uma vez que, alinhado com as concepções discursivas da linguagem, otimiza um processo de ensino além da dimensão imanente do sistema, o que compreende as práticas sociais, as questões políticas, históricas e culturais.

Ancorados nesta ideia, compreendemos que o ensino precisa priorizar o texto como elemento fundamental para que isso ocorra, pois conforme Bakhtin (2009), o uso da língua se dá por meio dos gêneros do discurso. Sobre isso o autor pontua:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de comunicação da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Frente a essa elucidação teórica, mas sobretudo considerando a importância de se trabalhar a língua na perspectiva sociodiscursiva da linguagem, este estudo busca analisar os efeitos de sentidos, as marcas estilísticas e as ressonâncias dialógicas que se

manifestam gênero letra de canção levando em consideração a natureza do enunciado concreto. De maneira mais específica, buscamos compreender como as ressonâncias dialógicas se estruturam e se materializam nestas letras de três canções: *Capturados* (1990) *Camelô* (1997) e *Inquilino das prisões* (2003) do artista Edson Gomes, as quais apresentam, na sua constituição, a construção do sujeito subalternizado.

Uma vez que se reportam ao mesmo tema social, a subalternização do *ethos* afro-brasileiro, escolhemos essas três letras de canção, de diferentes álbuns, que são atravessadas pelo discurso do cantor Edson Gomes, discurso esse cujo enunciado direciona-se ao sujeito subalterno, mais especificamente àqueles que atribuem significados, valorações aos sujeitos subalternos. A escolha desse objeto não é aleatória, pois está orientada, *a priori*, por um acontecimento nas redes sociais com o recente *boom* das canções de Edson Gomes, principalmente em plataformas de vídeos curtos como o *Tiktok*, o que elevou o cantor ao conhecimento das novas gerações e reavivou a discussão pública sobre a subalternização do sujeito negro da História, além de dialogar diretamente com as discussões empreendidas no componente curricular Texto e Ensino, vivenciado pelos autores no Mestrado Profissional em Letras, no Centro da Formação de Professores, na Universidade Federal de Campina Grande.

Para tanto, além desta introdução, a presente discussão se encontra dividida nos seguintes tópicos: aspectos metodológicos, tópico que delimita o percurso metodológico da pesquisa, bem como apresenta breve biografia do cantor e compositor Edson Gomes. De modo subsequente, apresentamos a incursão do quadro teórico, voltado à discussão acerca da Linguagem e o discurso para Bakhtin, do Estilo: aspectos valorativos e expressivos, do gênero canção e da Subalternidade; por fim, seguimos com a análise discursiva e, por último, as considerações finais.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, tendo em vista que se debruça em analisar as representações discursivas do sujeito marginalizado em três letras de canções do cantor Edson Gomes: *Inquilino das prisões*, *Camelô* e *Capturados*. Os procedimentos metodológicos para análise do *corpus* selecionado consistem, na primeira etapa, em um levantamento do Estado da Arte sobre a temática produzida no período de 2020-2025, que engloba pesquisas disponibilizadas no *Google acadêmico* e Portal de Periódicos da Capes. Após levantamentos dos artigos produzidos, foi realizada

a análise das músicas conforme as categorias analíticas: estilo, temática e composição e, posteriormente, foi realizada a análise de cada letra de canção obedecendo ao rigor da incursão teórica escolhida.

Em conformidade com Gil (2002), aferimos que o tipo de pesquisa estado do conhecimento tem como finalidade possibilitar maior intimidade ao assunto aos pesquisadores quanto às suas extensões e relevâncias acadêmica e social, além de mapear questões secundárias que transitam ao questionamento cerne. Com base nessas considerações iniciais, torna-se possível a edificação de proposições mais seguras e firmes.

Conforme o exposto, a finalidade deste tipo de pesquisa é, sobretudo, formular uma reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área. A categorização se faz fundamental para exposição e divulgação do estudo. Estas devem deliberar sobre a organização da pesquisa. Nesse sentido, concordamos que

[...] é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria; b) as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias esgotem o conteúdo possível (não sobrem conteúdos não conteúdos que não se encaixem em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo (CARLOMAGNO, DA ROCHA, 2016, p.184).

Conforme o exposto, a formulação de categorias se faz crucial para a elaboração do estudo. A partir de sua elaboração, será possível a reaplicação e uso desta por novos pesquisadores. Para embasar nossas análises, foi realizado um estado de conhecimento. O tipo de pesquisa denominada estado do conhecimento é o que expande novos horizontes, permite ao pesquisador conhecer profundamente seu objeto de pesquisa, bem como o estado do que está sendo produzido, desse modo:

A seleção do *corpus* para este estado do conhecimento foi realizada por meio de buscas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES. No Portal da CAPES, aplicou-se o descritor Edson Gomes, sem aspas, delimitando apenas artigos de acesso aberto, publicados a partir de 2020, em português, e que contivessem todas as palavras especificadas no título. Esse filtro resultou em apenas um trabalho. Já no *Google Acadêmico*, manteve-se o descritor, mas, na busca avançada, restringiu-se a

pesquisa aos títulos, garantindo que todas as palavras estivessem presentes. O recorte temporal também contemplou o período de 2020 a 2025, resultando em quatro artigos.

O recorte temporal 2020 a 2025 permitiu concentrar o levantamento em produções recentes, não contemplando monografias, teses e dissertações, a fim de preservar o foco em artigos científicos de circulação ampla. Destarte, segue abaixo quadro com a organização dos achados:

Quadro 1. Levantamento do Estado da Arte em Periódicos

TÍTULO	ANO	AUTOR	APORTE TEÓRICO	ASSUNTO
Vozes e letras: a identidade negra brasileira em músicas de Edson Gomes	2025	Anielle Andrade de Souza	<i>Estudos culturais/ Análise</i>	<i>Identidade negra brasileira</i>
“REGGAE OF FREEDOM”: a representação discursiva da noção de liberdade nas composições de Edson Gomes	2022	Georgia de Castro Machado Ferreira	<i>Análise do Discurso de Michel Pêcheux</i>	<i>Discursos sobre a noção de liberdade</i>
Um pequeno estudo sobre Escravidão, pós-Abolição e Cidadania no Rap e no Reggae	2022	Osnan Silva de Souza	<i>Estudos culturais/ Análise histórica</i>	<i>Escravidão, pós-Abolição e Cidadania no Rap e no Reggae</i>
A representação histórica da Segunda Guerra Ítalo-Etiópe (1935-1936) no reggae de Edson Gomes	2025	Caliel Santos	<i>Nova História cultural</i>	<i>Segunda Guerra Ítalo-Etiópe</i>
Descaso social e (sub)missão do Estado frente ao capital em “Criminalidade”, de Edson Gomes	2020	Amanda Maria Melo de Lima	<i>Estudos culturais</i>	<i>Papel do Estado</i>

Fonte: autores (2025)

Entre os artigos encontrados, destaca-se Ferreira (2022), cuja abordagem, fundamentada na ADD, aproxima-se daquela adotada neste estudo. A diferença, contudo, reside no referencial teórico: enquanto Ferreira (2022) adota a perspectiva de Michel Pêcheux de Análise Discursiva materialista, a presente pesquisa fundamenta-se nas concepções de Mikhail Bakhtin cujas contribuições permitem uma leitura mais dialógica e ideológica dos discursos. De modo geral, os trabalhos analisados têm como ponto comum: as temáticas da escravidão e da representação do negro, recorrendo, em



sua maioria, aos estudos culturais e à análise histórica como principais eixos interpretativos, exceto o trabalho de Lima (2020) que, ao invés de abordar sobre o negro, elenca a temática do Estado.

O presente estudo se diferencia ao propor a análise das representações do sujeito subalterno, a partir da ADD considerando o sujeito enunciador Edson Gomes, homem negro, e sua obra: três letras de canções que abordam o sujeito subalternizado. Sob esse prisma, revela-se no próximo tópico uma breve biografia do cantor aos quais as músicas de sua autoria e interpretação serão analisadas.

Edson Gomes: breve biografia do cantor e compositor

As informações coletadas para a construção desta breve biografia foram baseadas no trabalho monográfico de Ferreira (2023). Nascido em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, em 1955, Edson Gomes cresceu em um ambiente marcado por tradições afro-brasileiras, pela cultura popular e pelas desigualdades sociais que atravessam a região. Desde cedo, aproximou-se da música como espaço de expressão e resistência, encontrando no reggae uma forma de traduzir as vivências da população negra e subalterna. Essa escolha não foi apenas estética, mas política: o reggae tornou-se a linguagem por meio da qual Edson projetou a luta contra a opressão e a valorização da identidade negra no Brasil.

Ao longo de sua trajetória, Gomes consolidou-se como um dos maiores nomes do reggae nacional, sendo considerado por muitos como o “Bob Marley brasileiro”. Suas composições abordam questões que ultrapassam o entretenimento, configurando-se como enunciados sociais que denunciam o racismo, a exclusão e as marcas históricas da escravidão. O artista, portanto, não apenas canta, mas reinterpreta discursos que dialogam com a realidade subalterna, transformando sua obra em ferramenta de conscientização.

Edson Gomes sempre estabeleceu uma relação direta entre sua arte e a vida da população marginalizada. Em canções como “Malandrinha”, “Acorde, Levante e Lute” e as próprias músicas analisadas neste estudo, o cantor revela as contradições de uma sociedade que, ao mesmo tempo em que se beneficia da cultura negra, marginaliza o povo que a produz. Ao assumir essa postura discursiva, Gomes amplia a visibilidade do sujeito subalternizado e contribui para a ressignificação da identidade afro-brasileira.

Sua obra não pode ser dissociada de seu contexto social e histórico. Ao narrar experiências de prisão, pobreza, informalidade e resistência, faz ecoar vozes silenciadas

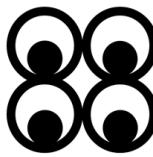
pela estrutura dominante. Ele se insere em uma tradição de artistas engajados que, através da música, contestam a ordem estabelecida e reivindicam novos espaços de reconhecimento. Nesse sentido, o discurso presente em suas letras não se limita à denúncia, mas também propõe caminhos de transformação social pela consciência coletiva.

Portanto, a vida e a trajetória desse intérprete do Reggae entrelaçam-se produtivamente com as temáticas analisadas neste trabalho. Sua biografia e sua produção musical evidenciam que a letra de canção, enquanto gênero discursivo, pode ser compreendida como um espaço de luta e resistência. Ao dar voz ao sujeito subalterno, ele reafirma a potência da arte como instrumento político, ideológico e cultural, inserindo-se como um dos grandes representantes da música engajada brasileira. Destarte, discutiremos o que se fundamenta em linguagem e discurso para Bakhtin, conforme veremos nos desdobramentos teóricos a seguir.

A LINGUAGEM E O DISCURSO PARA BAKHTIN

A linguagem, na concepção bakhtiniana, não pode ser concebida sem estar dentro de um contexto social e, por assim ser, materializa-se através das manifestações discursivas de sujeitos pertencentes a múltiplos contextos sociais. Logo, considerando o que preconiza o Círculo, ela é entendida como discurso e, por essa natureza, inscreve-se na história e acompanha as transformações sociais pelas quais passamos, e isso mostra a não estaticidade da língua. E, por ser construída historicamente, ela está prenhe de valores e carrega consigo as marcas da história, significando e ressignificando os seus discursos. Os sujeitos discursivos produzem história por meio da interação dialógica, e é por meio dessa interação que esses falantes se desenvolvem e deixam suas marcas, que influenciam as formas de dizer, orientando o projeto discursivo do enunciador. Demonstra-se, assim, o caráter ideológico do discurso. Podemos considerar que a linguagem é, antes de tudo, ação, que mobiliza diversos processos de interlocução entre os sujeitos; por ser interativa, dado o seu caráter social, só se realiza por meio da interação comunicativa entre esses falantes. Acostado a isso, entendemos que

[...] o enunciado configura-se como um elo numa cadeia complexa de outros enunciados, ou seja, está repleto de ecos de outros enunciados, respondendo a algo e antecipando um discurso-resposta não-dito, mas solicitado no direcionamento a um interlocutor (real ou virtual). O enunciado é, por conseguinte, um signo ideológico, dialógico, único, irrepetível e instaura-se diferentemente em cada interação. (Di Fanti, 2003, p.101)



Com base nessa reflexão teórica, evidencia-se o caráter dialógico da linguagem e, sendo assim, precisa ser considerada dentro dos contextos sociais aos quais está submetida. O enunciado, por sua vez, é uma unidade concreta da comunicação verbal, e tem uma relativa estabilidade cronotópica que reflete as características de cada situação discursiva em que é materializado. Podemos concluir, ainda, diante do apresentado pela autora, que o enunciado carrega ecos de falas anteriores, responde e antecipa respostas, mesmo aquelas não ditas explicitamente. Assim, conforme Di Fanti (2003) “A linguagem, por conseguinte, é uma prática social, partilhada, uma entidade concreta e viva de signos ideológicos.”. Compreendemos, com isso, que a linguagem na perspectiva do Círculo é dialógica, dado o seu aspecto discursivo.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1997) apresenta “[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica.” Percebemos com isso, que é nessa relação de interação entre interlocutores que os enunciados se constroem, retomando, respondendo ou referindo-se a outros enunciados, mantendo assim o fio dialógico que une esses sujeitos discursivos na complexa e contínua interação que travam por meio da palavra.

Ainda sobre isso, Bakhtin (1997) declara que o

[...] enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. (BAKHTIN, 1997, p.316)

Entendemos que o enunciado está sempre dentro de uma cadeia enunciativa contínua, o que reforça a ideia de que a sua materialidade depende de diversos fatores, tais como: contexto em que ocorre, interligação entre os interlocutores, vinculação ao que já foi dito, entre outros.

Considerando o que o Círculo nos apresenta, podemos, na materialidade do texto, da palavra decodificada, perceber a palavra como resultado de uma construção social, que se forma pelos entrelaçamentos discursivos emergentes do processo natural da interação. Logo, nos permite dizer que o trabalho com o texto, nessa perspectiva, não

pode figurar sem considerar a sua função enunciativa. Destarte, discorremos sobre os gêneros do discurso, sobretudo a letra da canção na perspectiva bakhtiniana.

Gêneros do discurso: a letra de canção na perspectiva bakhtiniana

Bakhtin (1997 p. 11) afirma que a utilização da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana. Esses enunciados, embora individuais, organizam-se em tipos relativamente estáveis, denominados gêneros do discurso, caracterizados pela articulação entre conteúdo temático, construção composicional e estilo.

A letra de canção configura-se como gênero discursivo particular, resultante da fusão de diferentes linguagens segundo Caretta (2013, p. 1198), “a canção popular brasileira constitui-se por relações dialógicas que articulam o texto verbal com a música e com o contexto social e histórico de sua produção”, o que evidencia que sua análise exige considerar tanto aspectos linguísticos quanto culturais.

Bakhtin (1997, p. 301) observa que o estilo, longe de ser mera expressão individual, na letra de canção [...] esse estilo manifesta-se por meio de escolhas lexicais, sintáticas e temáticas que carregam avaliações e posições ideológicas. Como destaca Fiorin (2011, p. 44), “o enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação”, sendo o estilo um conjunto de marcas que revelam a imagem do autor. Prosseguindo a discussão proposta elencamos o conceito de estilo sob a ótica interpretativa bakhtiniana.

Estilo: aspectos valorativos e expressivos

Na perspectiva bakhtiniana, estilo é um conceito próprio. Fiorin (2011) expõe que este pode ser definido como um conjunto de características fônicas, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, enunciativos, discursivos etc., que delimitam características específicas de um enunciado e, por isso, criam um efeito de sentido singular. O Estilo é o conjunto de características próprias discursivas e textuais que cria uma imagem do autor, que é o que denominamos efeito de individualidade. Essas singularidades se conectam numa perspectiva dialógica. De modo mais específico:

Esse uso é equivocado porque há, em Bakhtin, uma distinção entre texto e enunciado. Este é um todo de sentido, marcado pelo acabamento, dado pela possibilidade de admitir uma réplica. Ele tem uma natureza dialógica. O enunciado é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação. (FIORIN, 2011, p.44)

Com base nas considerações do autor, podemos determinar que o estilo está intrinsecamente relacionado à materialidade do enunciado, ao mesmo tempo que se relaciona ao domínio do enunciador, configurando enquanto marcas de individualidades do autor. É importante frisar que o estilo é marcado por vozes polifônicas do discurso que dialogam entre si. O enunciado está sempre se comunicando com outro, por isso torna-se impossível sua análise isolada. Nesse contexto, englobando a materialidade do texto, outro aspecto relevante é a construção composicional, cujos atravessamentos dialogam intrinsecamente com o estilo.

A construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. Por exemplo, sendo a carta uma comunicação diferida, é preciso ancorá-la num tempo espaço e numa relação de interlocução, para que os elementos usados possam ser compreendidos; por sua vez, o conteúdo temático não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero.

A tríade estilo, tema e construção composicional demarcam o gênero discursivo, trazendo individualidades estéticas que constroem o enunciado, dialogando diretamente com o enunciador (autor) e o receptor de mensagem, carregando consigo aspectos valorativos e estéticos. Nesse contexto, surgem as vozes polifônicas, as inúmeras vozes discursivas que constroem o sentido do enunciado concreto. Desse modo, faz-se inegável o caráter social do enunciado, por sua construção coletiva. A esse respeito, acreditamos que:

os enunciados apresentam um caráter social, uma vez que somente na interação social ganham forma, conteúdo e sentido. Desagregado de tal realidade, são, apenas, unidades abstratas e hipotéticas da língua. Eles se caracterizam como um evento social, um acontecimento sócio-histórico que nasce e renasce no processo de enunciação. (Silva, Francelino e Melo, 2017, p.177).

Assim, o que caracteriza o enunciado é a interação social, por meio dessa construção coletiva o enunciado além do sentido, se materializa com forma e conteúdo, bem as particularidades estilísticas que são marcas expressivas do autor e do receptor do enunciado, sendo esta relação dialógica e repleta de sentidos.

Em meio a essa composição valorativa o enunciado não estático estando sempre em constante movimento na produção de discursos, entre o dito e o não dito. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades, todo enunciado é construído por ações. Em meio a esse jogo expressivo demarca o papel de sujeitos, nesse âmbito no próximo tópico discutiremos o papel dos sujeitos a partir do conceito de subalternidade.

Subalternidade

Segundo as concepções decoloniais e pós-coloniais de se pensar a História na perspectiva dos povos colonizados e subalternizados, é mister atentar para os fatores que perpetuam essas relações sociais desiguais durante todo o tempo, pois, segundo Ribeiro (2015), “o sistema colonial e os imperialismos funcionaram como uma eficaz “máquina” a produzir a subalternidade, fazendo uso, dentre outros, da invenção da ‘raça’.” (Ribeiro, p. 27, 2015.) Portanto, confluíram sistemas ideológicos que se beneficiam das Instituições sociais e do dinheiro para perpetuar a opressão às classes subalternas, por imposição das classes dominantes, silenciadas.

O conceito de subalternidade foi inicialmente formulado por Antônio Gramsci (ano?) nos Cadernos do Cárcere, para designar grupos sociais excluídos da hegemonia política e cultural, cuja história “é, na maioria das vezes, uma história fragmentária” (Gramsci, 2011, p. 14) é narrada a partir da ótica das classes dominantes. Essa condição implica marginalização econômica, política e simbólica, restringindo a participação efetiva desses grupos na condução da vida social.

Nos anos 1980, o termo foi retomado pelo grupo Subaltern Studies, liderado por Ranajit Guha, que propôs “reescrever a história do colonialismo a partir do ponto de vista dos de baixo” (Guha, 1982, p. 3), evidenciando a agência histórica de sujeitos até então silenciados. Posteriormente, Gayatri Spivak (2010), ao questionar “Pode o subalterno falar?”, ampliou a discussão ao apontar que a subalternidade não se restringe a uma posição socioeconômica, mas envolve um silenciamento estrutural. Esse silenciamento é ainda mais acentuado em mulheres subalternas, que sofrem sobreposições de opressões por gênero, raça e classe. Para a autora, “o subalterno não pode falar” no sentido de ter sua fala plenamente reconhecida e legitimada nas estruturas hegemônicas (Spivak, 2010, p. 15). Isso representa, sobretudo nesta análise a necessidade de voz do sujeito subalterno, o gênero canção é um artifício para ser ouvido

É fundamental atentar para os fatores que perpetuaram essas relações sociais desiguais. Como observa Ribeiro (2015, p. 27), “o sistema colonial e os imperialismos funcionaram como uma eficaz ‘máquina’ a produzir a subalternidade, fazendo uso, dentre outros, da invenção da ‘raça’.” Confluíram, portanto, sistemas ideológicos que se beneficiavam das instituições sociais e do capital para perpetuar a opressão das classes subalternas, mantendo-as silenciadas pela imposição das classes dominantes.

Repensar a História a partir da perspectiva dos povos colonizados e subalternizados presentes nas canções de Edson Gomes exige não apenas uma revisão epistemológica, mas uma ruptura com as narrativas hegemônicas que naturalizam a desigualdade e legitimam a exclusão do sujeito pobre, marginalizado, negro. A subalternidade não é uma condição acidental, mas o resultado de um processo historicamente forjado por estruturas de dominação que operam tanto no plano material quanto no simbólico. Essas estruturas — ancoradas no colonialismo, no racismo e no patriarcado — produzem e reproduzem o silenciamento sistemático daqueles que foram relegados às margens do projeto moderno-ocidental. Trata-se de um silenciamento que não se limita à negação da fala, mas à desautorização da existência do outro como sujeito histórico. Assim, recontar a História desde baixo, dos vencidos, dos silenciados, daqueles que durante muito tempo não tiveram espaço para fala, não é apenas dar voz aos excluídos, mas desestabilizar as fundações epistemológicas que sustentam a colonialidade do saber e do poder, abrindo espaço para a emergência de outras formas de pensar e agir na sociedade.

Em suma, encerramos o aporte teórico e iniciaremos um diálogo com as fontes encontradas por meio de uma discussão analítica, conectando os pontos discutidos ao *corpus* levantado.

DISCUSSÃO ANALÍTICA

O *corpus* analisado se estrutura em uma leitura discursiva que se dá por meio da comparação das letras das músicas: *Inquilino das prisões*, *Camelô* e *Capturado*. Analisaremos cada música em tópicos separados e, posteriormente, realizaremos a análise comparativa, evidenciando as ressonâncias dialógicas entre as letras das canções.

O “Inquilino das prisões”

Analisar um texto sob a perspectiva discursiva significa compreender que todo processo comunicativo se constrói no diálogo e por meio dele. É o dialogismo que fornece forma e sentido aos diferentes discursos, este não é estático, está sempre em movimento, no jogo de interpretação entre enunciado/ enunciador e receptor. Nesse contexto, a letra da canção “Inquilino das prisões” de Edson Gomes, quando observada à luz da ADD, revela um potente discurso, assumido por um sujeito historicamente subalternizado.

Ao examinar a letra sob esse viés, torna-se essencial reconhecer o enunciado como unidade concreta da comunicação. Por ser atravessado por valores sociais, históricos e ideológicos, o discurso não se dissocia do tempo e do espaço em que se materializa. A letra tem como temática a situação de vida passada de um ex-presidiário. O sujeito discursivo enuncia em primeira pessoa do pretérito imperfeito, indicando uma ação que não foi concluída, a fim de revelar uma mudança do status de subalternidade, conforme os excertos a seguir: “Quando eu morava na casa de Satanás/Eu era seu prisioneiro/ E fazia tudo por dinheiro/ Eu andava sempre no agrado dele” / Eu era inquilino das prisões/ E liderava as rebeliões/ Agora estou retornando/ Pra casa do meu pai.

Tomando como referências as implicações dessa escolha verbal para a construção do sujeito e do discurso na letra, podemos perceber que há uma dubiedade interpretativa na volta do enunciador à casa do pai que pode significar o retorno a um lugar confortável, a conversão do enunciador à fé cristã frente ao paradoxo “quando eu morava na casa de Satanás” ou até mesmo a morte do enunciador visto o emprego da frase “eu era” ao longo de toda canção, demonstra que enunciador não é mais. Podemos evidenciar essa relação nos trechos: “na casa do meu pai/ Não tem mais a dor/ Não tem mais sofrer/ Na casa do meu pai/ Lá tudo é o amor/ Sem distinção de cor”, o que, de acordo com cristianismo, o lugar ideal que não tem sofrimento, racismo e tem amor; para os que perseverarem é o céu o destino pós-morte.

O fator mais pontual que implica essa escolha verbal na construção do sujeito é a mudança de status da subalternidade, o enunciador enfatiza que “era um marginal” que estava à margem “por fazer tudo por dinheiro”, “sequestrava”, “matava”, “roubava”, “estuprava”. Essa reflexão refere-se ao conceito de enunciado concreto, de acordo com Fiorin (2011) o enunciado concreto não se encontra pronto e acabado numa determinada obra ou determinado texto. O seu sentido e suas particularidades vão sendo construídos

ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções. Nesse caso, percebe-se o embaralhamento com o já-dito: o discurso religioso centrado na Parábola do Filho Pródigo que regressa à casa do pai depois de momentos de adversidades e contrariedade a tudo rege a norma padrão e código de conduta social. Nesse sentido, a marca da subalternidade é representada por todos aqueles que cometem crimes que se posicionam a margem, o “marginal”, e retornam a “casa do pai”. A persona do filho é o herdeiro, o sujeito de direitos à benevolência e a herança do pai, de Deus. Uma expressão que lembra a paternidade divina de acordo com Rueda (2017) é “filho do homem” uma expressão na literatura judaica antiga e cristã primitiva, segundo o autor é um título muito utilizado por Cristo na Bíblia ao se referir a si mesmo, Jesus teria utilizado a expressão “Filho do homem” para ressaltar sua natureza humana e assemelha-se com as pessoas em suas fraquezas e sofrimentos. O enunciador ao se referir a essa relação de filho dialogando com essa expressão, no que tange ao perdão e empatia diante do sofrimento do filho.

Os “Capturados”

Analizar um texto sob a ótica discursiva implica reconhecer que os processos comunicativos se concretizam por meio do dialogismo, que dá forma aos diferentes discursos. Conforme aponta Volochínov (2009), tais manifestações discursivas são atravessadas por múltiplas vozes, que interferem e se entrelaçam no modo de dizer do sujeito enunciador. Nesse sentido, a letra da canção “Capturados”, de Edson Gomes, quando examinada a partir da ADD, evidencia um discurso de resistência e afirmação identitária, assumido por um sujeito historicamente marginalizado.

Ao abordar a letra sob essa perspectiva, é necessário considerar o enunciado como unidade concreta da comunicação, por ser construída ideologicamente, carregando consigo valores sociais e históricos que se materializam em um tempo e espaço determinados. No fragmento a seguir, por exemplo, o sujeito discursivo, ao expressar-se em primeira pessoa do plural, reforça a afirmação coletiva de seu povo:

“Somos filhos dos escravos
Não temos vergonha de assumir
Somos filhos dos capturados
Não temos vergonha de admitir”

Esse trecho revela o caráter ideológico da linguagem. O discurso, materializado nos versos, marca de forma explícita a posição do sujeito em relação ao que enuncia, configurando-se como uma resposta ativa na cadeia dialógica. A manifestação discursiva pode, portanto, ser interpretada como uma “palavra- resposta”, uma vez que o sujeito enunciador, ao falar em nome de um grupo, revisita e problematiza um fato histórico que muitos tentam silenciar.

Sobre essa dimensão, Volochínov (2009, p. 99) destaca: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” Assim, os discursos, presentes em “Capturados”, inscrevem-se em um contexto ideológico de resistência e denúncia social. No excerto seguinte, essa postura torna-se ainda mais evidente:

“Somos filhos dos escravos
E estamos a fim de arrancar essa máscara
Revelando a história

De um povo que habita lá dentro do gueto
Capital da miséria
Crianças que vivem, circulando os sinais
São aprendizes de marginais”

Aqui, observa-se que o sujeito discursivo não apenas reconhece a herança escrava como parte de uma afirmação identitária, mas também denuncia a exclusão social que recai sobre os negros. O “gueto”, metaforicamente descrito como “capital da miséria”, simboliza esse espaço de marginalização. Dessa forma, o discurso evidencia a condição subalterna de um grupo social marcado pela desigualdade histórica e estrutural.

O sujeito “Camelô”

A letra da canção “Camelô” tem como temática a situação do camelô, um profissional informal do país. O falante faz apelo às autoridades frente ao cotidiano de violência enfrentado pelo camelô: “Olha, doutor, podemos rever a situação / Pare a polícia, ela não é a solução, não!”. Outro trecho da canção demonstra como o sujeito subalterno se sente desprotegido, sem alguém para recorrer: “Não sou ninguém, nem tenho pra quem apelar, só tenho o meu bem que também não é ninguém”. De acordo com a ótica bakhtiniana, o olhar específico para as circunstâncias sociais de produção

de circulação de gêneros, em específico o gênero canção, funciona como um olhar para as questões contextuais que circulam uma linguagem enquanto fenômeno histórico e ideológico. “Ser ninguém” socialmente indica estar/ser excluído, estar à margem social, implica a não existência. Considerando que o discurso não é isolado, pois sempre dialoga com outros discursos, é possível nos remetemos a célebre e mundialmente conhecida frase “Ser ou não ser, eis a questão” é a frase mais famosa do monólogo do príncipe Hamlet, na peça de Shakespeare, tais referências demonstram como o discurso não é isolado. A letra da canção também demonstra como o trabalho define os papéis sociais, o fato de não ter uma profissão formalmente prestigiada enquadra o enunciador enquanto um sujeito subalterno.

Possíveis convergências entre as três letras

As três músicas têm como enunciador um sujeito subalterno, um indivíduo à margem da sociedade: o camelô que se configura à margem por seu trabalho informal, um ex- presidiário que ficava à margem por seus crimes e uma criança negra que devido as marcas da escravidão vive a margem da sociedade para ser um aprendiz de marginal. Nessa perspectiva, uma das marcas de estilo do cantor/compositor é a denúncia do sujeito. O sujeito subalterno é aquele sem dinheiro, sem status, do ponto de vista etimológico, significa apenas o outro inferior ou inferiorizado. Abaixo um quadro comparativo com os trechos das canções que evidencia o caráter subalterno

Quadro 2. Comparativo das letras

TRECHO DA LETRA INQUILINO DAS PRISÕES	TRECHO DA LETRA CAPTURADO	TRECHO DA LETRA MÚSICA CAMELÔ
Eu era perigoso Inimigo da sociedade Eu era marginal Eu era marginal Eu era marginal	Crianças que vivem circulando os sinais São aprendizes de marginais	Sou camelô, sou de mercado informal Com minha guia sou, profissional

Fonte: autores (2025).

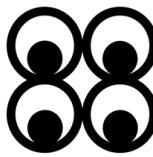
As letras das canções trazem a materialidade discursiva, um estilo marcado pela denúncia, demonstrando como o sujeito é subalterno frente à sociedade, ao Estado e

como ele não é ouvido. Por outro lado, sempre nos Cadernos do cárcere, Gramsci defende que as classes subalternas podem compor um novo Estado, uma nova totalidade, precisamente a partir do momento em que negam a subalternidade e se emancipam; no prisma bakhtiniano, a libertação se manifesta pela linguagem o discurso em seu caráter social manifesta-se a partir do diálogo, os atravessamentos do enunciado sempre voltam-se para o novo, pois o enunciado é uma produção social que não se isola no acontecimento em si, mas nas várias interpretações do acontecimento. No âmbito da transformação e redenção, os laços familiares com a temática de herança familiar e herança religiosa são marcas predominantes no discurso do falante nas canções de Edson Gomes. Assim de acordo com a visão panorâmica dos três elementos que constituem os gêneros, tema, estilo e construção composicional define pelo homem a necessidade de interagir, a interação entre receptor e enunciador é repleta de intencionalidades, sobretudo no gênero canção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, acredita-se ter alcançado o objetivo proposto que consistiu em analisar as representações do sujeito subalterno em três do cantor e compositor Edson Gomes. As letras das três canções analisadas revelam que, além de explorar as temáticas relacionadas ao cotidiano, as músicas de Edson Gomes contêm um estilo próprio de mensagens de cunho político, étnico e social. Faz-se importante frisar que, embora embasadas pela teoria bakhtiniana, as análises elencadas não se constituem enquanto verdades acabadas, pois o outro/leitor expande e filtra os sentidos do texto, tentando aproximar-se, mais fidedignamente da interpretação permitida ao gênero do discurso.

Na perspectiva bakhtiniana, o leitor comunica-se com o gênero diretamente, não sendo mero receptor passivo do discurso, mas reunificador por meio do diálogo e dos variados discursos atravessados. Almejamos que o prisma de análise construído possibilite novas aflições no campo da AD (Análise do discurso). Portanto, constata-se que por meio das canções de Edson Gomes ressignifica um lugar que por maioria das vezes é visto como subalterno mostrando o outro lado da história a cultura, a história de luta e a resistência. Não se pode dissociar o lugar de fala do artista, constituído pela sua condição de homem, militante e negro das suas canções. Esses elementos identitários atravessam a sua produção discursiva e marcam a sua posição no processo de interação discursiva. Assim, o discurso de Edson Gomes não se reduz a uma expressão individual,



mas representa uma voz socialmente situada que, ao se projetar na canção, estabelece uma articulação singular entre emissor, mensagem e receptor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2. ed. Tradução a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CARETTA, Álvaro Antônio. **Estudo dialógico-discursivo da canção popular brasileira.** São Paulo: Annablume, Fapesp, 2013.

CARLOMAGNO, Márcio; DA ROCHA, Leonardo Caetano. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2016.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Veredas - Rev. Est. Ling**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, jan./dez. 2003, p. 95-111.

FERREIRA, Ana Júlia da Conceição. **Edson Gomes : expoente do reggae no Brasil.** 2023. Monografia (licenciatura em Música) – Departamento de Música, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2010.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: Volume1. In: **Introdução ao estudo da filosofia.** A filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GUHA, Ranajit. On some aspects of the historiography of colonial India. In: GUHA (ed.). Subaltern Studies In: **Writings on South Asian History & Society.** Delhi: Oxford University Press, 1982.

RIBEIRO, Adelia Miglevich; PRAZERES, Lílian Lima Gonçalves dos. **A produção da subalternidade sob a ótica pós-colonial (e decolonial): algumas leituras.** Temáticas, Campinas, v. 23, n. 45, p. 25–52, 2015. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11100>. Acesso em: 14 ago. 2025.

RUEDA NETO, E. O “Filho do Homem”: uma breve análise da expressão na literatura judaica antiga e cristã primitiva. *Kerygma*, v. 13, n. 1, p. 23–34, 2018.. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/976>. Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, Michel Pratini Bernardo, FRANCELINO, Pedro Farias e MELO, Raniere Marques. Relações dialógicas em memes da campanha publicitária 'Eu sou a Universal'. *Revista PROLÍNGUA* v.12, p.175-187, 2017. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/3feb/4a6d57206a086998ddb30ab3335816d16f25>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Submetido em:26/10/2025

Aceito em: 23/12/2025